

Comentário à Conferencia: Porquê estar em grupo?

Conferencista: Dr. César Vieira Dinis

Autor: Dr. Aucíndio Valente

Grupanalista Titular e Didata da SPGPAG

Médico Psiquiatra

Ao iniciar a minha intervenção gostaria de agradecer o amável convite que a comissão organizadora do congresso me dirigiu, para comentar a conferência do Dr. César Diniz e simultaneamente manifestar a minha satisfação por tal.

Se bem que possa conhecer razoavelmente, como o Dr. César Diniz aborda este tipo de temas, nem por isso deixei de ficar surpreendido como o fez, já que fugiu ao que normalmente é considerado como a forma canónica (formal académica) preferindo antes expor as suas ideias e pensamentos, rememorando e comentando o que foram as experiencias vividas nos vários grupos que integrou ao longo da sua vida. (apresenta-nos o que poderíamos chamar de exemplificação prática).

Assinalo a louvável opção que fez de nos vir falar das suas experiencias vividas nos diferentes grupos que integrou, e não como geralmente é mais habitual neste tipo de comunicação, de meras hipóteses racionalizadoras ou preconceitos teóricos. Este facto, podemos considera-lo inovador, apesar de como diz, não ser essa a sua intenção; e se conjugarmos a opção feita com a forma como a elabora, que a considero de natureza didática, julgo poder esperar que este estilo possa vir a vingar como um novo paradigma pelos benefícios que nos pode acarretar na compreensão de temas desta natureza. Direi ainda que apreciei e gostei quer do conteúdo da conferência quer da forma. Portanto, quero desde já expressar os meus sinceros parabéns, que não são ditados pela natureza das circunstâncias em que me encontro, antes oriundos dos sentimentos em mim despertados após a leitura da conferência. Não podia também deixar de o felicitar pela coragem, franqueza, autenticidade e oportunidade que me parece existir na sua exposição, sem que tenha tido necessidade de se defender através de uma hipotética teoria. Fala de si e não de justificações, o que é de considerar.

Passarei agora ao meu comentário, propriamente dito, com uma nota prévia (isto é a minha declaração de interesses); assim, se o Dr. César Diniz e todos mo permitirem, vou considerar a parte inicial da conferência como uma espécie de comunicação subjectiva individual e as minhas intervenções serão como experiencias subjectivas múltiplas e comentários associativos ocorridos por lembranças, que me foram induzidas após a leitura da mesma. Não vou, portanto, proferir criticas ou juízos de valor, mas antes duvidas e questões que me ocorreram e que na impossibilidade de me referir a todas, citarei somente aquelas que me parecem as mais oportunas.

Porém, para uma melhor compreensão da conferência, poderíamos talvez compará-la, alegoricamente, à que um hipotético pintor conceituado, ao ser convidado para fazer uma comunicação, imaginemos sobre a importância da pintura na sociedade, optaria para tal não perorar sobre conceitos teóricos da pintura em geral ou das técnicas inerentes. Antes, apresentasse para esse fim, de uma forma cronológica, algumas das suas obras e fosse discorrendo baseado nelas, acerca do que sente, sentiu e viveu durante a sua feitura, da hipotética influência na sociedade e do valor que elas podem ter tido na aquisição da sua identidade. (isto é, como pintor).

Nesta perspetiva, a riqueza da conferência é evidente pelo conjunto de aspectos de natureza grupanalítica que nos traz à consciência e pelas questões que se levantam como corolário das mesmas. Isto justifica enumerar alguns dos grupos onde estive e ainda está integrado, o que pode ser entendido como um testemunho vivo da importância das relações de grupo e abordagens de natureza analítica quer estas tenham sido ou não de natureza terapêutica. Traz-me à consciência algo que gosto de dizer, e consiste em afirmar que desde que nascemos até que morremos estamos sempre inseridos em grupos. Quando afirma que a vivência em grupo é um inalienável imperativo da condição humana ou quiçá da sua natureza, pode levantar a seguinte questão: será que o ser individual como tal e isolado existe? Ou somente existirá quando está em relação? Ocorre-me citar o que diz Pagés: “O grupo é uma cooperativa de educação mútua... é também um local em que se compartilha o desejo, uma solidariedade activa na busca de um projecto coletivo inconsciente, em que este ultimo, é quase sempre oculto e reprimido por todo o tipo de sistemas de controlo social e envolvido por formações psicológicas defensivas.

Um aspecto que julgo também estar presente e que decorre da própria opção do Dr. quando escolhe falar de experiências vivenciais e não de teorias inerentes às mesmas, levanta-me a questão: o que será mais importante ou de valorizar mais no processo Grupalítico? A aplicação correta de uma teoria e de uma técnica por ela justificada, ou a capacidade relacional compreensiva e empática do grupanalista? É evidente que não tenho qualquer resposta. Mas nesta perspectiva citaria o que dizem alguns autores: Greenberb e Mitchell afirmam que as várias teorias psicanalíticas constituem diferentes pontos de vista do mundo e diferentes paradigmas de encarar a psicopatologia, e ainda segundo os mesmos, fazendo pouco sentido reclamar maior valor ou superioridade de um paradigma em relação a outro, ou sequer tentar integrá-los; sendo a opção por qualquer um deles mera subjetividade, já que a escolha incidiria naquele que nos proporcionasse mais tranquilidade e nos fosse mais confortável. Morris Eagle diz que o relacionamento com o terapeuta é um importante componente da acção analítica, mesmo para além do processo transferencial, bem como a forma como o paciente experiencia o terapeuta (working through?). Afirma também, que alguns estudos recentes evidenciam que os efeitos da interpretação da transferência no processo terapêutico variam com o nível do funcionamento interpessoal (a importância da matriz). Ainda na perspetiva de Ronald Fairbairn, a relação com o

analista seria mais importante que a exatidão das interpretações feitas, cuja utilidade serviria principalmente para comunicar a compreensão e o interesse do mesmo.

O que penso, e costumo por vezes dizer, é que provavelmente o mais importante no processo Grupalítico, não é a teoria (se bem que deva estar presente por necessária), mas a capacidade de relacionamento e de compreensão do que se passa na matriz grupal. Gosto de dizer que o que cura não é a teoria mas a relação.

Ainda e sem querer entrar em controvérsias verifico que durante a minha atividade de grupanalista me socorro cada vez menos dos aspectos teóricos e questiono-me por vezes até que ponto as teorias não servem de alguma forma para nos dar, também, uma sensação de sapiência acerca de coisas de que, às vezes, pouco sabemos, o que não deixa de ser benéfico pela tranquilidade que nos transmite, se bem que concomitantemente nos possa levar, inconscientemente, a incorrer em atitudes narcísicas (saber muito acerca de pintura não quer dizer que saibamos pintar).

Outro aspecto que também gostaria de realçar e que de alguma forma tem a ver com o anterior, é a capacidade, que o Dr. César Dinis evidencia nas várias experiências que nos relata, de se relacionar, de estar em grupo e de exprimir, sem aparente censura, os sentimentos e afectos que viveu como qualquer outro ser humano. Devo salientar, mais uma vez, a coragem e ousadia que teve para se expor sem aparente receio, ou aceitando-o, face às possíveis avaliações ou críticas a que possa estar sujeito, se bem que, o valor de qualquer experiência de vida, seja subjectivo e como tal não deva ser avaliado por outrem. Alias, como diz e me faz sentido, assumindo-se como um grupanalista e aceitando-se como na realidade é, sem censuras internas. Evidencio, também, a sua capacidade de se recordar e de descrever algumas das suas experiências de vida, passadas em diferentes grupos de que fez parte ao longo da sua existência; contudo, não gostaria deixar de referir e de questionar a possível existência de *lembranças encobridoras*, se bem que, pense que se tenha referido somente àquelas que por qualquer razão pessoal julga ser as mais significativas para o objectivo da comunicação. Levanta-se a questão: porquê estas e não outras?

Sem querer enveredar no âmbito de concepções teóricas realço o facto de sentir que em todas as vivências descritas está presente o substrato justificativo da possível existência da T.R.O. na compreensão do relacionamento humano em grupos.

Também creio que ao falar da sua experiência relacional em vários contextos grupais, não tenha tido a intensão de ser original ou de provocar, até porque as experiências de vida que teve nos vários grupos de que fez parte ao longo da sua existência, de alguma forma contribuíram mais para a sua identidade de grupanalista (é pelo menos a minha convicção), do que as teorias subjacentes a essas mesmas experiências que sem dúvida adquiriu. Isto é, não será que a capacidade terapêutica de um grupanalista assenta mais na sua capacidade de relação, autoconhecimento e de aceitação do outro tal como ele é, do que dos conhecimentos teóricos que apesar de úteis pela segurança que nos comunicam, não deixam de ser usados por vezes,

como defensivos ou mesmo preconceituosos? Eu diria, a teoria é necessária e importante, mas deve advir como um complemento da experiência.

Mais questões, estão para mim implícitas no texto, a saber:

1. O que somos; quem somos; onde estamos. A que vai dando respostas quando fala da vivência em grupos e da procura da identidade.
2. A existência de dois grupos em qualquer grupo (para mim, numa perspectiva Bioniana), quando se refere aos códigos de conduta, e quando salienta que mais importante do que atingir o objectivo a que o grupo se propõe (aprender) é a necessidade de adquirir códigos de comportamentos condizentes à dinâmica afectiva dos mesmos. Só assim seremos parte integrante deles. Lembra-me um ditado antigo que diz: à terra onde fores ter faz como vires fazer. É esta capacidade de integração sem perdermos a nossa identidade que se torna fulcral.
3. Os grupos de adolescentes onde refere as lutas políticas vividas, para mim na época das racionalizações, da criação de teorias sociológicas e socioeconómicas que tiveram na altura, provavelmente, uma função não consciente, como já referi, de desangustiar e tranquilizar (mecanismos de defesa).
4. A experiência grupal da vida militar e das dúvidas e ambivalências aí sentidas. Aqui deixo a questão: até que ponto não nos estará a falar nas suas dificuldades em se assumir nessa altura com uma identidade? Constató que juntou, pelo menos, aparentemente as vivências políticas com as da guerra. Questiono, coincidência ou opção? Neste contexto, sei por experiência própria (Guiné) que são momentos difíceis, mas por outro lado, altamente enriquecedores (numa perspectiva psicológica) e que pelo menos no que a mim me concerne levaram-me a grandes transformações internas. Foi o local onde pude reflectir como eramos como grupo e de ter a possibilidade de comparar vários padrões de cultura. Pude constatar que a minha cultura não era melhor nem pior do que as outras aí existentes, era diferente, variando essencialmente em códigos e padrões de comportamento, aliás como o refere. Dado o meu tipo de função pude constatar, que a minha actividade como clínico, esteve altamente dificultada enquanto não tive a capacidade de me fazer integrar nos vários grupos existentes nessas culturas. Só assim os pude compreender e ser compreendido. Saliento neste ponto, a seguinte frase da conferência: Porque as vivi em grupo onde salienta a importância do grupo na construção e possibilidade da existência do equilíbrio emocional e funcional. Lembra-me Roland quando se refere ao self nós, em que a identidade pessoal inclui o grupo envolvente. Reconhece o grupo, em vez de o negar; grupo de que todos os indivíduos fazem parte, e do qual todos os indivíduos dependem.

5. Também ao referir-se à formação da sua identidade grupanalítica, compara as vantagens da relação dual, com a relação grupal e numa perspectiva terapêutica salienta a vantagem desta. Quando fala da interpretação levantasse-me a questão: será que a interpretação só por si leva à mudança? Aqui recordo-me do que disse Foulkes: “a psicanálise tem vantagens sobre a grupanalise para a compreensão, o entendimento e a percepção” (interpretação), “mas para a transformação e a mudança interna da pessoa, a vantagem está do lado da grupanalise” (interacção, relacionamento). Mitchell diz: “a partilha com os outros deve ser considerada como veículo da mudança e questiona: será que a interpretação, que leva a desencadear a capacidade reflexiva vem perdendo o seu exaltado status a favor do relacionamento na acção terapêutica, principalmente no que consigna ao working through?”. Já no que designo por segunda parte da conferência, apresenta-nos uma reflexão adequada e oportuna, porque actual, em relação ao estado social em que estamos inseridos.

Por um lado, compreendo e comungo as suas dúvidas, perplexidades, preocupações, mesmo angústias e até de alguma forma o inconformismo, que manifesta quando se refere ao advir e aos processos de globalização facilitados (digo eu) pelo uso das novas tecnologias na aquisição do poder e controle das pessoas, das estruturas e acontecimentos socio culturais. Tal não me parece de forma alguma, como teme, uma caricatura, antes a descrição da pura realidade em que vivemos.

Por outro, vou de uma forma sucinta e breve expor algumas dúvidas e questões que me surgiram, nomeadamente quando se refere aos seguintes aspectos: à aceleração da mudança, à rotura com o passado, ao aparecimento de novas tecnologias, à experiência de estar a ser espreitado, à globalização como um conjunto de fenómenos em que podemos (digo eu) incluir a aquisição de poder (que como sabemos é inebriante) e a sua ligação ao dinheiro (que como refere é apátrida) e à necessidade até certo ponto inconsciente de controlar, mesmo à mudança de léxico (despedimento=requalificação).

Nesta perspectiva e cingindo-me preferencialmente à globalização questiono: que significado atribuir ao termo globalização? Em que consiste? Será que o conceito de cada um de nós é igual ao dos outros?

O que constatei é que dicionários relativamente antigos não se referem a tal. Os actuais dizem: visão em conjunto do aspecto global das coisas predominante nas primeiras idades. Já num sentido histórico dizem: designação tornada corrente para referir os processos culturais e económicos que caracterizam o mundo contemporâneo.... Se a crescente internacionalização da economia se foi tornando uma realidade cada vez mais palpável, ela constitui apenas uma parcela da globalização. E ainda

ultrapassadas as fronteiras geográficas alargou-se à política e a tudo o que dela decorre. No território global tudo se interliga independentemente do espaço. A bandeira desfraldada neste território é a internet (editorial verbo, 2004). Também encontrei o termo globalização com o significado de: a fase mais avançada do capitalismo.

A minha dúvida e questão é: não será, também, uma manifestação inconsciente da necessidade de aquisição do poder e de controlar e uniformizar as pessoas e a sociedade em geral? Somos todos iguais, mas há uns mais iguais que outros.

E ainda, deverá a globalização ser vista como um fenómeno de aparecimento recente? Ou antes, um fenómeno antigo inerente e conseqüente à natureza humana que se vem repetindo, se bem que com roupagens diferentes, levando por isso a pensar ser algo de novo? Isto é, o fenómeno seria sempre o mesmo e teria como origem motivos afectivos inconscientes ligados à necessidade de aquisição de poder (quem manda em quem, quem está ao serviço de quem). As características da manifestação é que seriam diferentes e inerentes aos aspectos socioeconómicos e avanços tecnológicos existentes.

Tendo em vista o que acabei de dizer, interrogo-me: não terão sido formas de globalização por exemplo, o antigo império romano, o português, o espanhol que iam dilatar a fé e o império, dando-se até ao luxo de dividir o mundo entre eles, o comunismo da URSS, etc.? Todos aparentemente diferentes porque as circunstâncias e as tecnologias usadas à data do seu aparecimento também o eram. Nessa altura a globalização era conseguida mais pelo controle geográfico, actualmente mais pelo controlo económico e pela posse do dinheiro.

Desta forma, questiono: até que ponto não podemos estar a misturar as causas efectivas da globalização, que seriam as mesmas ao longo dos tempos e ligadas à necessidade inconsciente de aquisição de poder e no seu uso para o controle quer individual quer dos grupos institucionais e sociedade em geral, com os meios que a facilitam, que como sabemos, são cada vez mais evoluídos e mais eficazes?

Portanto as novas tecnologias seriam os meios usados para atingir a globalização com todos os inconvenientes do uso abusivo do poder. Aliás, como diz César Diniz, se bem depreendi, o mal não está nas novas tecnologias, mas no uso que delas fazemos (já que elas em si nem são boas nem más, o que é bom ou mau é a forma de as usar). Como exemplo, de tal, basta lembrarmos do comportamento de todos os partidos políticos. Todas estas questões recordam-me autores que na minha perspectiva abordaram estes temas: Ronald Fairbairn (1939) que em “o significado sociológico do comunismo considerado à luz da psicanálise” aborda o comunismo como veículo para a destruição do grupo familiar, como mecanismo de defesa das angústias

desencadeadas perante a situação edipiana. G. Mendel (1972) que se debruça sobre a análise do poder, do fenómeno autoridade na sociedade bem como do estudo do inconsciente nos grupos sociais. Lavínia Gomes (2005) que em “Uma introdução às relações de objecto” salienta como trabalhar com a diferença e a diversidade e nas premissas das relações de objecto reflete sobre o que procuram as pessoas, sobre o bem e o mal e sobre o indivíduo e o grupo.

Assim, quando César Diniz se refere à construção duma tentativa favorável de mudança em grupo, para um estado social melhor, deixo a questão: que papel atribuir à sociedade portuguesa de grupanalise para atingir tal fim? Que tipo de intervenção poderá aspirar a ter para tal, quer no seio da sociedade, quer nos grupos de natureza terapêutica ou outros, sem que no entanto corra o risco de fazer desse tipo de intervenção uma cruzada? No fundo, que ensinamentos se podem tirar da prática grupanalítica, da experiência de cada um de nós e das teorias que lhe dão forma, para uma reflexão ou/e uma acção sobre as estruturas sociais e que contribuição nos pode dar para um entendimento dos fenómenos da sociedade em geral e da globalização em particular.

Após todas estas dúvidas e questões que deixo à consideração de todos vós, para concluir direi que acabamos de ouvir, da parte do Dr. César Diniz uma excelente resposta à questão que o tema do congresso nos levanta e como sabemos é: porquê estar em grupo.